

JOSÉ LUÍS NUNES MARTINS

PERGUNTAS A DEUS



Uma ferramenta de comunicação
com o Divino

INTRODUÇÃO

Deus fala-nos de muitas formas.

Baralhe as cartas, retire uma à sorte e leia-a. Não procure responder-lhe logo numa lógica de pressa. Interiorize a pergunta e pense com calma e seriedade. Imagine que quem está a ouvir é o próprio Deus, pelo que qualquer fuga à honestidade fará perder todo o sentido. Esteja atento aos sinais. Os nossos dias estão cheios de pistas valiosas, ainda que as ignoremos como se já fossemos muito sábios e felizes!

A maior parte de nós vive cheio de certezas que, em boa verdade, não são mais do que opiniões sem grande fundamento. Esta obra pretende ser uma ferramenta que permita aprofundar e alargar a nossa vida interior, os pilares da nossa existência, criando uma relação humilde e mais forte com a verdade que nos ultrapassa.

Uma boa pergunta incomoda, porque reconhece-la como merecedora da nossa atenção já é

um passo na direção certa. Saber que não se sabe é o primeiro momento de um processo pelo qual se chega à sabedoria.

Precisamos muito de sossego para que possamos escutar o que vive no mais fundo de nós e nos faz viver.

Aceitar o desafio de tirar uma carta destas ao acaso, tentando compreender a dimensão da pergunta nela apresentada, recolhendo-se depois numa escuta atenta aos sinais que podem indicar a resposta, é o caminho longo e profundo que aqui se propõe.

Cada pergunta é precedida de uma pequena citação, um pretexto que nos pode ajudar a lançarmo-nos na aventura da descoberta. Mais longo e profundo é o percurso de ler o texto aqui presente que lhe corresponde.

Ainda que as perguntas sejam as mesmas, as respostas de cada um hão de ser construídas de muitas formas, porque, apesar da verdade ser uma só, cada um vê-a a partir da sua vida.

Um dos maiores perigos nos dias de hoje reside no relativismo absoluto, uma espécie de princípio segundo o qual a verdade não é senão algo que cabe a cada um decidir criar. Não é assim,

há o bem e o mal, e a linha que os separa. Não importa o que possa pensar cada um de nós, ou todos... O bem e o mal não variam, porque não dependem do que se possa pensar deles ou do que se julga justo.

Não se entendam estas perguntas como desafios para que cada um crie a sua resposta. Não. O caminho é o da paz do silêncio, onde nos serão reveladas, não as nossas respostas, mas a verdade.

Nenhuma oração muda a vontade de Deus, mas qualquer prece pode mudar quem a faz, assim a saiba rezar.

É preciso perguntar, esperando com amor por sinais da resposta. Não peças a alguém que amas aquilo que podes alcançar sozinho. Sinais não de bastar. Por vezes, a resposta é uma pergunta maior, que, de tão grande, nos faz crescer por dentro!

A vida que nos é dada a cada dia é um dom. Compete-nos vivê-la bem. Escuta aqueles que amas, para que possas ir ao encontro das suas necessidades. Escuta aqueles que te amam, não suponhas que sabes o que te querem ou não de dizer. Pergunta com humildade e sabedoria, escuta com paciência e atenção.

O Céu vive no nosso coração, e nós no coração do Céu, mas só encontramos Deus quando nos esvaziamos de nós mesmos.

Deus fala-nos de muitas formas, mas o que procura é sempre o mesmo: que sejamos quem podemos ser. Únicos, autênticos e felizes.

SOMOS CORAÇÕES VESTIDOS DE CORPOS



O que nos distingue é superficial. Tal como no teatro, cada um representa um papel para o qual se veste de uma determinada forma.

Alguns confundem-se e acreditam que são mesmo, e só, aquilo que veem ao espelho... Em algum ponto do seu futuro hão de sentir um vazio abismal, pois esqueceram-se de que, mais do que terem um coração, são um, o resto são apenas superficialidades sem valor absoluto.

A nossa existência terrena é marcada por estas indumentárias que os nossos corações têm de usar, mas o sentido da nossa vida não passa por elas.

A felicidade passa por sermos capazes de fazer com que o nosso eu chegue ao mundo. Por entre as roupas e apesar delas. Como uma luz face a vitrais.

Somos uma luz interior que deve dar cores ao mundo, através dos corpos com que nos vestimos.

O que importa não é o que pode ser visto e escutado, antes sim o invisível e silencioso que está por dentro de tudo e de cada coisa.

Em primeiro lugar, é preciso aprender a olhar e ver para além das camadas de aparências que nos distinguem. A tendência natural é para nos aproximarmos dos que são amáveis e belos, dos que são parecidos connosco.

Devemos amar coração a coração. O outro é, tal como eu, cheio de fraquezas e imperfeições. Amá-lo é amá-lo como ele é.

O outro tem imensos defeitos, sim. Também nós.

Perdoar o outro é perdoar-se a si mesmo.

AS ÁRVORES NÃO CRESCEM NO CÉU



É preciso que haja terra fértil. Chão onde exista matéria em decomposição. Porque a podridão é fecunda. Porque os sonhos mais belos nascem dos contextos podres.

A monotonia e o tédio levam-nos a dias sem cor. Como se a morte tivesse vencido a nossa esperança. Mas nunca tem de ser assim.

Tudo é particular. Não há dias iguais, coisas iguais, assim como não há pessoas iguais. Nem uma mesma pessoa é igual ao que era ela própria ontem. A preguiça leva-nos a generalizações que nos poupam o pensamento. Levando-nos ao engano de julgarmos saber o que, afinal, não sabemos. Etiquetamos tudo e julgamos que está visto e será sempre assim.

Abrir os olhos, o coração e a razão ao que é único em cada coisa permite-nos aceder ao mundo em que vivemos, rico em beleza e autenticidade. Encontrar pontos por onde a nossa existência pode crescer.

Importa sair e lançar a nossa atenção para fora de nós. Como se brotássemos de nós mesmos.

É a partir de cada uma das nossas tristezas, sempre únicas, que podemos fazer reais as vontades íntimas de felicidade. Assim saibamos descobrir a sua força e a sua luz.

Tal como a ramagem de uma árvore, também a nossa existência se expande por caminhos diferentes. Uns secam, outros florescem e frutificam. Dão perfume de vida, dando-se sem critério a todos os ventos.

Mas é essencial que nunca nos esqueçamos das nossas raízes. Do chão que nos alimenta, sem que nem nós próprios possamos ver como. É lá, no mais fundo da nossa alma, que se encontra a semente que é nascente de onde brota a nossa vida.

Não devemos desperdiçar a vida julgando que é sempre igual e que será nossa para sempre. Nos dias mais cinzentos e tristes, saibamos ser mais do que passivas testemunhas do mundo. Somos sempre protagonistas, mesmo quando nos parece que não há nada a fazer.

A vida quer viver. Basta-lhe apenas uma fresta e uma gota de água, que pode até ser de lágrima, para que se erga das funduras do chão onde, apesar de tudo, resiste e sonha com o céu.

ESTAMOS SEM TEMPO E COM A ATENÇÃO DISPERSA



No nosso mundo há uma quantidade enorme de pessoas, trabalhadoras e muito inteligentes, que se dedicam, por dinheiro, a criar formas de captar duas das coisas que temos de mais precioso: a nossa atenção e o nosso tempo. Ainda que consigam caçar-nos por apenas alguns segundos, já alcançam boa parte do seu objetivo.

Parece que somos quase impotentes para resistir a todos esses apelos. O erro mais grave reside no facto de não reconhecermos de imediato que se trata de algo mau para nós. Afinal, a nossa atenção e o nosso tempo são finitos e não chegam para tudo. Ao deixarmo-nos ir para onde estas seduções nos aliciam, estamos a deixar para trás outras coisas, talvez mais necessárias.

Descansar é algo essencial. Mas há quem tome o sossego como um desperdício de tempo. Preferindo seguir pelos sedutores caminhos que as tecnologias de hoje nos propõem. Vamos de

imagem em imagem, de link em link, quase nunca sem encontrar algo que, de verdade, nos interesse... mas parece que adoramos andar a ver estes mostruários.

As nossas mentes, rebeldes e muito ágeis, como se fossem macacos, saltam de um sítio para outro, sem cessar, nunca param, nunca admiram nada. Há muito movimento de ideias e dispêndio de energia, mas nenhuma ação. Não se constrói ou ganha nada... apenas se perde, atenção e tempo.

Cada vez mais, as pessoas têm medo de si mesmas, das memórias, sonhos, alegrias e terrores dos caminhos do seu íntimo. Usam a tecnologia para se manterem a uma distância segura de si próprias, mas acabam ainda mais infelizes, quando se dão conta dos resultados destas suas escolhas... a solução que encontram é infantil, de tão ingênua: mergulhar ainda mais naquilo que nos distrai, para ver se tudo não passa de um pesadelo do qual acordaremos e... de forma instantânea, ficará tudo bem!

Outras vezes, sonhamos com mudanças imediatas de condição ou lugar, sem nos darmos conta de que, mesmo que acontecessem, não

matariam o problema, uma vez que ele reside dentro de nós e nas portas que mantemos abertas ao que nos tenta escravizar. Poderíamos tornar-nos milionários ou ir viver para uma bela e calma ilha que, ainda assim, não teríamos paz. O problema está em nós, não nas nossas circunstâncias.

Durante séculos, homens e mulheres, um pouco por todo o mundo, construíram mosteiros e conventos para viverem. A sua preocupação principal era a de não se deixarem distrair a fim de aproveitarem o seu tempo para construir uma vida melhor. Mas estas paredes inspiravam cada um deles a construir dentro de si um castelo, onde a sua atenção profunda se concentrasse no mais importante e não se perdesse.

As distrações de um mundo cada vez maior e mais selvagem têm de ficar do lado de fora da nossa vida, sob pena de desperdiçarmos a nossa existência.

O problema não é a inteligência artificial. É a inteligência humana que está a artificializar-se e a definhar, de cada vez que cede aos mecanismos básicos de quem nos quer autómatos dependentes, consumidores automáticos e escravos dos interesses alheios.

É essencial que aprendamos a aproveitar ao máximo o tempo que nos é dado, garantindo que somos senhores da nossa atenção.

A FELICIDADE NÃO É IGUAL PARA TODOS



Se perguntássemos a toda a gente o que quer ser, a esmagadora maioria responderá que quer ser feliz.

No entanto, a felicidade depende do que cada pessoa precisa para se realizar de forma plena. Uma vez que não há duas pessoas iguais, não há felicidades iguais, por isso, qualquer tentativa de estabelecer fórmulas universais está condenada ao fracasso.

Sabemos quase sempre o que queremos, mas a verdade é que quase nunca precisamos daquilo que queremos. Talvez uma fórmula eficaz para garantir a infelicidade de alguém seja a de lhe dar tudo o que quer.

A maior parte de nós teme a opinião dos outros, razão pela qual acabamos por ter limites interiores que nos impedem de pensar e sentir de uma forma mais livre. Queremos agradar aos outros, pelo que procuramos as nossas respostas

mais nas modas e nas opiniões alheias do que naquilo que reside no fundo de nós.

A felicidade é uma verdade, não um fingimento. É gratidão, não insatisfação.

Ser feliz passa por identificar com precisão as nossas necessidades mais íntimas, assumi-las e buscar aquilo que as completa. Qualquer preocupação com as modas é uma superficialidade e uma perda de tempo.

A felicidade talvez passe mais por deitar fora do que por conquistar.

Descomplicar, reduzir ao essencial, renunciar às tentações do superficial...

O que tens de fazer tu para que a tua alma fique em paz?

Fazer outros felizes?

OS FELIZES SEMEADORES DE SAUDADE



A saudade nasce do contraste entre o que foi vivido no passado e o vazio disso mesmo no presente. Uma espécie de hoje esvaziado do que ontem era concreto e bom.

Pode tudo à nossa volta ser rico e agradável, ainda assim a saudade tem sempre lugar, porque o mais relevante é que falta algo. Como se pudéssemos escutar bem alto o telefone que não toca ou, ao olhar para uma multidão, a única coisa que víssemos fosse que a pessoa querida não está.

A saudade não é uma tristeza nem uma alegria; é uma estranha fusão das sementes e raízes de ambas. É o oposto ao riso e ao choro. Uma espécie de mergulho sem fim no profundo de nós mesmos.

Perdeu-se algo de muito bom, quer-se viver de novo, mas assume-se a certeza de que, na verdade, esse algo nunca poderá ser recuperado. Vive-se numa carruagem de tempo que se afasta da

estação onde ficou algo de extraordinário. A saudade é a medida da perda, o desejo de a suprir e a certeza de que tal é impossível. A presença espiritual de uma ausência, algo vivido e, agora, mais desejado do que nunca.

Perde-se a motivação e a concentração. É um desconsolo, uma solidão que voa de forma indifferente ao espaço e ao tempo. Vagueia, sem sentido nem destino.

Quem se detiver no passado mais do que o tempo necessário para aprender, perde-se, porque perde o seu tempo. Aquele que lhe foi dado para viver e não para recordar.

Os que têm a coragem de passar o seu tempo a plantar sementes de saudade para o amanhã, vivem sempre felizes...

... porque se tornam, eles mesmos, sementes de saudade.

Hão de florir e frutificar naqueles que amaram.

«A maior parte de nós vive cheia de certezas que, em boa verdade, não são mais do que opiniões sem grande fundamento. Esta obra pretende ser uma ferramenta que permita aprofundar e alargar a nossa vida interior, os pilares da nossa existência, criando uma relação humilde e mais forte com a verdade que nos ultrapassa.»

LEIA TAMBÉM, DO MESMO AUTOR:



FAROL
a luz da sua vida